O DEMOCRATA
(AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

Redacção e Administração Rua Miguel Bombarda, 21
Comp. e imp.—IMPRENSA UNIVERSAL R. Combatentes da G. Guerra — AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto Agência Havas

ANO 37.º Sábado, 19 de Agosto de 1944 N.º 1850

VISADO PELA CENSURA

Triunfantes em tôda a linha!

Mais uma retumbante vitória alcançada pelos GALITOS, agora num «shell» de 8

O *Club dos Galitos,* que, nos seus quási quarenta anos de existência, tem tido memoráveis dias de triunfo e glória, conquistados à fôrça de muita tenacidade, de muito brio e maior vontade de se colocar bem alto honrando a nossa terra por intermédio dos seus membros e em várias modalidades desportivas ou cénicas, desde a época em que a velocipédia era a demonstração mais popular da incipiente educação física nacional até às actuais competições cientìficamente ordenadas, em que os resultados obtidos se tomam como pontos de referência a atingir ou a ultrapassar, acaba de ver o seu nome mais uma vez prestigiado ao máximo, pela retumbante vitória alcançada pelos dez rapazes que constituíram as tripulações dos três barcos que entraram nas regatas efectuadas no rio Douro, no último domingo, organizadas pelo *Club Fluvial Portuense.*

Para que as nossas palavras não sejam tomadas como exageradas, por serem escritas por um *Galito* da velha guarda, transcrevemos parte dos elogiosos, mas merecidos e justos comentários feitos, a propósito, em dois grandes diários portuenses, pela pena abalizada dos seus cronistas desportivos, e únicos que comentaram as regatas.

Do *Jornal de Notícias,* portanto, respigamos:

...«Das restantes provas foram 2 para o *Fluvial* e 3 para os *Galitos*, de Aveiro, tendo sido êstes os verdadeiros triunfadores. Além de terem ganho brilhantemente as melhores provas premiadas com as melhores taças, causaram funda impressão pelo modo superior, nítido, insofismável, como as conquistaram a revelar, se não uma técnica apurada e perfeita, pelo menos boa condição física e certo saber de experiências feito.

Homens fortes, bem constituídos, habituados ao mar, familiaricados com a água, queimados pelo ar e tostados pelo Sol, bem dirigidos e melhor preparados, os *Galitos* dominaram e venceram os seus adversários—eis tudo.

Das três provas uma houve, porém, que não deixou de constituir surprêsa e, como tal, causar a maior admiração. Referimo-nos á prova de 8—*shell*—na qual o Sport alinhou com todo o favoritismo, sabendo-se que os aveirenses se estreavam nesta prova e num barco emprestado pelo *Fluvial*».

Agora a referência do *Comércio do Porto*:

«O triplo êxito que o *Galitos* obteve foi bem a compensação devida a quem trabalha com tenacidade e procura progredir. E conquanto na região haja maior facilidade em obter gente capaz, isso não desculpa o desinteresse que por cá se nota.

Nem mesmo há motivo para dizer —à maneira de atenuante—que a fôrça venceu a técnica, porque os aveirenses, se dispõem de musculos rijos e fôlego prolongado, também manobram agradàvelmente...

...Qualquer das três tripulações correu com inteligência e coordenação. Os remadores valem e se os timoneiros os igualassem no seu papel, então as vitórias teriam sido conquistadas ainda com maior relêvo.»

Dois pormenores, talvez ignorados por êstes jornalistas, mas que é de justiça frizar, pois vem realçar ainda mais a vitória dos *Galitos*: a tripulação do *oito séniors* era constituída pelos mesmos remadores que tinham, minutos antes, ganho as provas de *out-riggers* de 4, séniors e juniores; esta tripulação não fez mais do que dois treinos para a prova do 8, em um barco emprestado e, conseqüentemente, era quási desconhecedora das suas qualidades náuticas.

Se os dez rapazes que tão brilhantemente se portaram — Amadeu Moreira, João de Sousa, José Vélhinho, Manuel Matos, Carlos Roque, Albino Neto, João Cunha e António Mateus, remadores; António Cruz, timoneiro do 4 *juniors* e Edgar Teixeira Lopes, timoneiro do 4 e 8 *séniors* — merecem o agradecimento e as maiores felicitações pelo admirável esfôrço que empregaram para vencer, não menos digna de elogio, de simpatia e de todo o apoio é a direcção da Secção Náutica do Club dos Galitos, que tão porfiada e caprichosamente concorre para êstes triunfos.

Bravo!

Viva Aveiro!

P. A.

Governador Civil de Aveiro

Foi nomeado para êste cargo, tendo na quarta feira dêle tomado posse no Ministério do Interior, em Lisboa, o sr. dr. Francisco Cirne de Castro, que durante 5 anos exerceu idêntico lugar no distrito da Guarda.

Não conhecemos sua ex.ª. Mas desde que o ministro que o nomeou afirma que as vozes que lhe chegaram aos ouvidos, lá de cima, esta autoridade saíu da Guarda acarinhada pelos amigos e respeitada pelos adversários, é obrigação nossa acolher com tôdas as honras o sr. dr. Cirne de Castro, a quem apresentamos cumprimentos á sua chegada a esta cidade.

As lanchas

Ainda não começaram a deslisar sôbre as mansas águas da nossa ria, iniciando as suas carreiras para a Gafanha, Barra e S. Jacinto, por falta de documentação necessária para êsse serviço, que o público ansiosamente espera.

Quando será o dia?

Fora de tempo

Surgiu agora em Barcelos uma tangerineira com o respectivo fruto, dizendo a notícia que é bastante doce e pouco diferente da produção da época normal.

São casos...

Defeso venatório

Acabou no dia 15 para as rôlas e codornizes e para os patos, que começaram a ser assediados pelos seus maiores inimigos — os caçadores.

Já no ano passado aconteceu o mesmo...

Veio cêdo!

Já foi posto á venda o *verdadeiro* «Borda d'Agua» para o ano de 1945, que, com os costumados *ensinamentos*, tem adquirido fama, aumentando a popularidade.

A estiagem

Por cá ainda não acabou nem se sabe quando terminará.

Só no norte tanta chuva caíu, louvado seja Deus...

Pesca do bacalhau

Notícias da Terra Nova e da Groëlândia dão-nos conhecimento de que todos os navios da frota bacalhoeira portuguesa estão a pescar bem, devendo o seu regresso começar a efectuar-se dentro em breve.

Oxalá a campanha decorra até ao fim conforme o desejo de todos.

O DEMOCRATA vende-se no Quiosque da Praça Marquês de Pombal—Aveiro.

Falta de respeito

Durante os concertos no Rossio é costume o rapazio espandir-se demasiadamente, enervando, por vezes, os apreciadores de música que nessas noites ali se reúnem em volta do coreto.

Á polícia compete faze-los entrar nos eixos.

Uma lembrança

Na Praça Dr. Melo Freitas e em volta do monumento, ficavam bem, como já estiveram, alguns bancos, para quem os quizesse utilizar.

E também quatro candieiros para dar mais beleza e vida ao local.

Isto no caso da placa central não sofrer redução.

Crónica alfacinha

Contra o analfabetismo

O que é um analfabeto? Um indivíduo que não sabe ler, evidentemente.

Um analfabeto é um fraco; é um algemado dentro dum círculo de ferro do qual não poderá nunca saír sem que êle próprio quebre essas algemas; é um cego que só poderá ver quando fôr iluminado pela luz das letras.

Para que um homem possa cumprir conscientemente os seus deveres de honestidade e patriotismo, sem ser arrastado pelos outros, é necessário instruír-se primeiro, para poder estudar a verdade não se deixando desta forma influenciar pelas palavras de outros, quantas vezes sem saber o que dizem.

Nenhum indivíduo pode ter vontade própria, inteligência equilibrada, carácter educado ou espírito desempoeirado se lhe faltar êsse 6.º sentido, mais precioso que qualquer outro, pois reune em si todos—a instrução. Mas como poderemos nós pôr têrmo ao analfabetismo, êsse tão grande mal que ataca a sociedade? Não será fácil, mas talvez possamos arranjar uma solução relativamente viável. Para ela é preciso termos boa vontade e amor ao próximo.

Contribuir para que aqueles que vivem perto de nós sejam felizes, não é um favor é uma obrigação, visto que a base de tôda a virtude, de todo o bem, e portanto o dever de todos que tem um coração e um espírito bem formado, e não querem ser tomados por maus, *é fazer aos outros o que desejam que façam a si.*

Com um pouco de boa vontade aqueles que nos rodeiam minorariam os seus males, porque nós lhe abriríamos uma nova porta redentora, ministrando-lhes, cada um dentro das suas possibilidades, um pouco de instrução.

Quero tornar-me mais explicativa: todos nós temos, por certo, um criado, um vizinho, um parente afastado, o conhecido dum nosso amigo, etc., que não sabe ler.

Pois bem. Se com um bocadinho de sacrifício dispusessemos todos os dias de meia hora para o ensinarmos êle aprenderia. E se por sua vez, quando êle já soubesse fizesse o mesmo a outros, mais um ou dois deixariam de ser analfabetos.

Eu vi numa casa de gente trabalhadora da província, mãe e filha, que tinham por única distracção, nas horas livres, ensinar a ler as pessoas daquele lugar; e quando davam por concluída a sua missão junto de alguém não deixaram de lhe rogar que ensinassem por sua vez outros.

Bem sei que quási todos temos os nossos afazeres e dispomos de poucos minutos livres. Mas se pensarmos bem, não empregamos muitas vezes o tempo que nos sobra em coisas de menos utilidade?

E' tão triste não saber ler! Não poder adquirir essa fôrça que nos faz ter confiança em nós próprios e no futuro, não poder libertarmo-nos da escravidão a que a falta do saber ler nos reduz, não podermos ir mais longe como é nossa ambição!...

A união faz a fôrça. Se todos trabalhassem para o mesmo fim, se todos procurassem a felicidade do próximo, nem guerras, nem ódios, nem tanta maldade assolava o mundo.

Lisboa, 15-8-44.

MARIA DA CONCEIÇÃO NOBRE

Serviço telefónico inter-urbano

Recebemos da Administração Geral dos C. T. T. o que segue:

Tem aparecido ultimamente na Imprensa grande número de reclamações contra atrasos no estabelecimento de ligações telefónicas, sobretudo quanto ás ligações de e para termas e praias.

A Administração Geral dos CTT está, porém, em pleno conhecimento das condições em que, presentemente, é executado o seu serviço telefónico.

Por isso, são desnecessárias aquelas reclamações.

Todos os anos, nesta época, o tráfego sofre aumentos extraordinários, os quais ainda êste ano não foi possível compensar razoàvelmente, por razões sobejamente conhecidas.

O público precisa de se convencer de que não há quem forneça material telefónico e que a Administração Geral não pode fazer milagres.

Deve, assim, aceitar as condições actuais com resignação, com aquela mesma resignação com que se sujeita a andar em comboios e eléctricos apinhados de passageiros e a comer apenas o pouco que lhe é permitido adquirir.

Por sua vez, os CTT prosseguirão com calma, mas firmemente, a procurar soluções que atenuem as deficiências actuais.

Lisboa, 8 de Agosto de 1944.

Por nossa banda cumpre-nos dizer que, em parte, colhem as explicações da Administração Geral dos C. T. T. Mas só em parte, por que uma coisa é a falta do material telefónico, outra a negligência, a falta de cuidado, de atenção ao serviço. Deixemo-nos de confusões. O que se deu no mês passado comnosco não tem nada a haver com a explicação vinda a público, por ser da exclusiva responsabilidade do pessoal. E isso não pode a Administração Geral dos C. T. T. deixar de atender, como lhe compete.

* * *

A propósito: entrou em vigor o novo sistema de contagem do tempo, segundo o qual a telefonista só intervém no fim de cada periodo para informar o peticionário de que decorreram 3 minutos, 6 minutos, 9 minutos e assim sucessivamente.

Vamos a ver se os resultados práticos valorizam a ideia.

Asilo-Escola

Deixou de estar á frente desta instituição local, como director, o sr. Joaquim Inocêncio da Silva, que há anos ali fôra colocado, indigitando-se para o substituir o sr. padre Abel Condesso, algo conhecido nesta cidade pelos seus discursos inflamados.

Visitai o Parque da Cidade

Fartura de peixe

—o—

Tem aparecido bastante e de várias espécies no nosso mercado, a principiar pela boa sardinha que assada, nos tempos de agora, é um prato de primeiríssima ordem.

Também esta semana vieram muitas corvinas pescadas na Costa Nova, mas como o seu preço fosse exorbitante ficaram algumas por vender, dando em resultado estragarem-se e serem mandadas enterrar por quem de direito.

O que precisavam os responsaveis pelo desperdício?

Chamamos a atenção das autoridades porque assim não está certo.

Moralizando

Lemos na imprensa de Lisboa que por se terem verificado irregularidades no Grémio Nacional dos Industriais de Borracha o sr. Sub-Secretário de Estado das Corporações nomeou uma comissão administrativa para substituir a direcção exonerada por despacho, em face das conclusões dum inquérito a que se procedeu e que revelou a prática de actos irregulares pelo chefe da secretaria com o conhecimento pleno, anuência e estímulo dos directores. Apurou-se assim que o referido empregado recebia gratificações por serviços prestados no exercício das suas funções, contando-se neste número as firmas representadas pelos directores e cuja iniciativa, em parte, se devia a concessão das gratificações que atingiam um montante elevado, talvez superior aos 90 contos por aquele avaliadas.

O sr. dr. Trigo de Negreiros, ao dar posse à comissão, proferiu um breve discurso do qual respigamos as seguintes passagens:

«As leis — disse Salazar — verdadeiramente fazem-nas os homens que as executam». Por isso, se, por eleição dos seus pares ou por qualquer outro modo, assumiram a direcção dos organismos corporativos pessoas que não possuem espírito corporativo e que neles actuam com mentalidade individualista, verificado o desvio da finalidade do organismo, não há outra decisão a tomar que não seja a de afastar definitivamente os dirigentes que se mostraram menos aptos ou idóneos para o desempenho das suas funções. E' que não basta que a nossa inteligência aceite os princípios do nosso corporativismo—que só os ignorantes e os espíritos superficiais confundem com sistemas estranhos—é necessário senti-los, vivê-los e executá-los. O futuro da orgânica corporativa é largamente condicionado pela renovação da mentalidade dos patrões e operários, pela formação de uma consciência corporativa e pela preparação de dirigentes corporativos que permitam, ao mesmo tempo, a selecção e o aproveitamento dos mais aptos e idóneos e o estudo em profundidade dos problemas corporativos».

E, a concluir:

«Pela nossa parte, não consentiremos que nas direcções dos organismos sujeitos à fiscalização do Instituto sirvam os que, dizendo-se corporativistas, pensam e actuam como individualistas, sobrepondo os interesses particulares ao interêsse colectivo, o egoísmo à solidariedade, a luta de classes à cooperação social. Atentos ao funcionamento do sistema, aceitamos tôdas as sugestões que visem a corrigir possíveis desvios de doutrina e damos andamento a tôdas as queixas e reclamações tendentes a suprir deficiências ou a melhorar o rendimento dos organismos. No que respeita a faltas que de qualquer modo colidam com o ambiente de moralidade que a Revolução Nacional implantou, todos têm o imprescindível dever de dar conhecimento delas a quem tem de as punir, fazendo-o com a antecipada certeza de que serão aplicadas, sem contemplações ou transigências de qualquer espécie, as sanções correspondentes aos êrros praticados».

Muito bem. Proceda o Govêrno sempre assim — intransigentemente — e verá que aplausos não lhe hão-de faltar.

Que tal os da borracha, hein?!

Dr. Alvaro Sampaio

A União, diário da tarde que se publica em Angra do Heroísmo (Açores) inseriu no seu número de 9 do corrente um artigo de fundo de congratulação por ter sido nomeado presidente da Câmara Municipal de Aveiro o seu ilustre patricio, dizendo não ter êsse facto constituído surprêsa para os muitos amigos que o sr. dr. Álvaro Sampaio conta naquela cidade, alguns dêles companheiros dos tempos saüdosos da infância, devido aos méritos que possue e tanto têm contribuído para honrar a sua terra natal e prestigiar o seu próprio nome.

A União alude ainda ao regosijo com que o *Democrata* acolheu o novo presidente do município aveirense e depois de pôr em destaque a satisfação causada pelo facto do lado de lá do Atlântico, termina com estas linhas:

Enviamos as nossas felicitações ao dr. Alvaro Sampaio pelo novo posto de serviço que lhe acaba de ser confiado pelo Govêrno da Nação, numa honrosa prova de confiança nos seus méritos e no seu manifesto desejo de bem servir. E sinceramente fazemos votos para que a sua passagem pela Câmara de Aveiro fique registada como uma época de prosperidade e engrandecimento da terra onde há muitos anos impôs o seu nome pela sua laboriosa vida de professor distinto do liceu de José Estêvão e de batalhador incansável da causa da instrução pública, colocando acima de tudo o cumprimento do dever.

Vida militar

Assumiu esta semana o comando da Secção da Guarda Fiscal da Nazaré, o sr. tenente José Barata Freire de Lima, que estava prestando serviço em Peniche.

E' com satisfação que damos esta notícia e a transmitimos aos numerosos amigos do tenente Barata de Lima, que lentamente se vai aproximando de Aveiro, onde viveu longos anos e conta muitas simpatias.

Exposição de quadros

—o—

Vimos, embora de fugida, a exposição de pintura a óleo que Pedro Olaio realizou no *Club dos Galitos.*

Torna-se difícil apresentar uma modestíssima apreciação quando vários críticos já guindaram Pedro Olaio ás culminâncias das Artes e nós não podemos afinar no mesmo tom.

Que Pedro Olaio tem qualidades e garra artística, é inegável; os seus quadros, porém, são o retrato vivíssimo do seu desregrado temperamento de boémio e dos seus desiquilibrados nervos.

Nunca o vimos pintar, mas cremos que os seus trabalhos são principiados com alvoroçado entusiasmo

e acabados com tédio, pelo dever de pintar e de viver.

Só assim podemcs explicar quadros como aquêle do *Palheiro do Tobias* e outros, que não conseguimos entender sem pôr em conta a bélica psicologia do artista.

Contudo, os seus trabalhos a-pesar-do, por vezes, libérrimo desenho, alterando a verdade do assunto, vêem-se bem, e, não tendo a luz e o colorido, a claridade que tanto beneficiaria os aspectos da nossa região, podemos olhá-los sem arrepios. Dos trípticos, o da Costa Nova agradou-nos melhor — mais lavado, menos carrancudo o ambiente.

Os nocturnos, trabalho que no nosso meio para muita gente devia ter constituido novidade, vêem-se com agrado, embora empastelados, sem aquela transparência e distância que os nossos olhos conseguem ver na meia escuridão. E' muito difícil, e só em pintores ingleses vimos, um dia, quadros nêste género que nos agradaram absolutamente. Dêstes, a *Sinfonia da Chuva* deixava repousar os olhos mais serenamente.

Enfim: Pedro Olaio trabalha, tem progredido nitidamente e, comparando-o com tantos outros, ainda vale alguma coisa. E' tarde já para recomeçar, mas precisava ter tido melhor escola para não singrar tão à tôa.

A.

Trofeus

Têm estado expostas numa das montras da *Savoy* as taças recentemente ganhas pelos nossos remadores e que constituem uma honra para êles, para o *Club dos Galitos* e para Aveiro.

Mas os triunfos não se obtêm só com o esforço individual, com a boa vontade dos dirigentes do Club dos Galitos e com a cooperação insuficiente de alguns *carolas*, mas sim com bom material náutico, que custa muito caro quando novo, e muito dispendiosas torna as reparações, quando velho.

Os treinos, as deslocações dos tripulantes, os transportes dos barcos e tantas outras despesas imprescindíveis e imprevistas que onéram uma organização como a Secção Náutica do Club dos Galitos— do qual, sempre é bom frizar, não recebe subsidio algum—só podem ser supridas com o auxilio pessoal e colectivo.

Entidades como o Govêrno Civil, a Câmara Municipal, a Comissão Municipal de Turismo, Junta Provincial, Teatro Aveirense, importantes emprêsas industriais e comerciais que há na cidade e no distrito de Aveiro (que também é honrado com as victórias alcançadas pelos aveirenses nêste género de desporto) porque não hão-de auxiliar a iniciativa dos *Galitos*, que bem merece, se sôbre todos se refletem os triunfos obtidos?

Os *Galitos* precisam de um barco de 8 remadores, com o qual se possam apresentar condignamente e em competições em que tais barcos concorram. Algumas unidades que a Secção actualmente possue, precisam de inadiáveis reparações, de contrário mais e mais se irão deteriorando até para nada servirem.

O desporto do rêmo não dá receita ou quando a dá não chega para pagar a organização de que resulta.

Auxiliar a Secção Nautica dos Galitos é, portanto, pugnar pelo bom nome da cidade e pelo prestígio de um Club que sempre a tem honrado.

Livros

Memórias

de Stuar Mill, é um grosso volume, publicado pela *Editorial Globo*, de Lisboa, sendo a tradução e o prefácio da autoria do sr. Francisco Távares.

Crepusculos

é outro livro, de Antóny Trollope, traduzido por Fernando de Utra Machado e também posto à venda pela *Editorial Globo*.

A Luta pela Expressão

Este veio nos da *Editorial Nobel*, de Coimbra, e pertence à biblioteca de ensaios de Fidelino de Figueiredo.

Historia do Materialismo

por A. F. Lange, tradução de Lôbo Vilela e igualmente saído da *Editorial Globo*.

Acusamos a sua recepção e agradecemos aos editores o terem-nos distinguido com a oferta.

Carta de Lisboa

O Exército que temos

Lisboa pôde no passado domingo apreciar mais uma vez o que é e o que vale o magnífico Exército que possue graças ao esforço do Govêrno da Revolução, graças ao cumprimento da promessa um dia feita por Salazar de que haviamos de ter um Exército.

Mais de 10.000 homens e cerca de mil e quinhentas máquinas de guerra desfilaram durante quási três horas perante o chefe do Estado e o Govêrno de maneira tão imponente como expressiva.

Com razão o *Diário de Lisboa* pôde escrever:

«Uma parada de paz em plena guerra aquela em que o povo da capital teve uma imagem mais flagrante do desenvolvimento e do poderio das armas da Nação».

Em boa verdade, nesta frase está a legenda certa do valor do grande e impressionante desfile de domingo. Depois da admiravel festa que foi o juramento de bandeira, a parada de domingo há-de ficar como mais uma grande e admiravel afirmação do que neste capitulo vale o esfôrço realizado pelo Govêrno do Estado Novo que, nunca é demais pô-lo em relêvo, conseguiu, de facto, dotar o país daquele Exército de há muito necessário e de há muito também reclamado, mas só graças a Salazar conseguido.

Temos um Exército, podemos, de facto e com orgulho bem compreensivel, dize-lo em alta voz.

Aljubarrota e Nuno Alvares

Lisboa comemorou também a passagem do 14 de Agosto, a data de Aljubarrota e ao mesmo tempo soube mais uma vez ainda erguer bem alto o nome e a glória de Nuno Alvares, o heroico e Santo Condestável a quem Portugal deve a sua independência. E' assim, ao calor das grandes glórias do passado, dos feitos de heroismo das grandes figuras que nós poderemos olhar com maior decisão e mais forte coragem o futuro.

CORDEIRO GOMES

Exames

Transitou para o 7.º ano dos Liceus com a classificação de 15 valores, o académico Armando Alvim de Matos, filho do sr. tenente Joaquim de Matos.

Felicitamos o brioso estudante e seus pais.

A nobilitante acção de alguns filhos da antiquíssima vila de Eixo

Ao Ex.mo Sr. João António de Carvalho, insigne colonianista e prestantíssimo filho desta vila.

I

A antiqüíssima povoação de Eixo é situada a cêrca de 5 quilómetros de distância da cidade de Aveiro— a ridente e encantadora Veneza lusitana.

A vetusta vila de Eixo, segundo doutos historiadores, já florescia, com densa população, antes da fundação da nacionalidade portuguesa, porquanto, por um documento datado do ano de 1079, os territórios de Eixo eram possuidos, quási em partes iguais, pela condessa D. Flâmula e pela sobrinha desta, D. Tereza Fernandes, mulher do conde D. Mem Viegas de Sousa, da família dos nobilíssimos fidalgos de *Marnel* (1).

Os descendentes da última destas donatárias, na consolidação da pátria portuguesa, prestaram relevantíssimos serviços aos sucessores de D. Afonso Henriques. Os *Sousas de Marnel*, assim desigaados em códices de linhagens nobiliárquicas, descendiam dos antigos reis de Leão (Espanha).

O primitivo solar dêstes fidalgos era situado próximo à lagôa de Marnel, pertencente, hoje, à freguesia de Macinhata do Vouga, distante de Eixo cêrca de 12 quilómetros.

No reinado de D. Diniz sucedeu a prática de violentas extorsões, levadas a efeito pelos fidalgos de Marnel, sôbre os rendeiros e colonos de Eixo. Este ilustrado monarca, ao ter conhecimento de tão imprudentes actos, ainda que praticados por fidalgos poderosos e de alto prestígio, mandou proceder a rigorosas *Inquisições*, cujos resultados fez reverter, em benefício da coroa, bastantes territórios desta vila.

O rei D. Diniz, no ano de 1323 fez doação de algumas terras do couto de Eixo a seu filho bastardo, D. Pedro, 3.º conde de Barcelos e famoso autor do *Livro das Linhagens*.

Este ilustrado filho do fundador da Universidade de Coimbra, antes de falecer, doou as terras que possuia em Eixo ao mosteiro de Santo Tirso, que as usufruiu até 1834.

D. Afonso V, grato a D. Afonso, filho do duque de Bragança, fez-lhe doação do julgado de Eixo e das terras de Ois (ou Oees) Páos e Vilarinho, mercê esta que fez passar para a casa de Bragança o usufruto dos rendimentos destas terras até ao ano de 1834, pelo que, até êste mesmo ano, a sustentação do páraco de Eixo, no total de 200$000 anuais, foi feita pela casa de Bragança.

D. Manuel I, ao ter conhecimento do progresso populacional do couto de Eixo, concedeu-lhe carta de foral (2) no dia 2 de Junho de 1516, muito embora, 8 meses antes, a 4 de Agosto de 1515, tivesse feito mercê de igual diploma régio à vila de Aveiro, que, neste tempo, já tinha por seu donatário, D. Jorge de Lencastre, filho bastardo de D. João II e D. Ana de Mendonça, que foi o progenitor dos duques de Aveiro.

Aproveitando o ensejo de referirmo-nos a esta personalidade, e, também, dado o facto da vila de Eixo irmanar, tanto nas grandezas como nas adversidades, da, então, vila de Aveiro, vamos dar uma resenha de todos os que exerceram a alta dignidade de duques de Aveiro — *A Tábrica dos romanos*.

* * *

D. Jorge, filho bastardo de D. João II, nasceu na vila de Abrantes a 12 de Agosto de 1481. Tendo, apenas 3 meses de idade, foi, por ordem de seu pai, mandado para Aveiro, onde, de dia, era cuidado pela sua tia, a princesa D. Joana e, durante a noite, ficava em casa de D. Filipa de Noronha, neta de D. Fernando I: de Portugal e do conde de Gijon e Noronha, filho bastardo de D. Henrique II, de Castela.

O falecimento da princesa D. Joana, ocorrido no Convento de Jesus (3) em 12 de Maio de 1490, obrigou D. João II a mandar regressar a E'vora, onde estava a côrte, o seu filho D. Jorge, que foi levado para esta cidade pelo bispo do Porto, D. João de Azevedo.

O herdeiro do trono, D. Afonso, tendo falecido, em 13 de Julho de 1491, perto da margem do Tejo, junto à cidade de Santarém, por motivo de ter caído do cavalo em que galopava, deixou em aberto o acesso do estro real a D. Jorge; mas a raínha D. Leonor tais diligências fez que conseguiu que o seu esposo, D. João II, designasse, como seu sucessor, a D. Manuel, duque de Beja, e rmão de sua mulher.

D. João II, porém, amando muito D. Jorge, que lhe assistiu, na vila de Alva, os últimos momentos de vida, fez-lhe doação do ducado de Coimbra, do marquezado de Torres Novas, senhor das vilas de Montemor-o-Velho e Aveiro, grão mestre da ordem de S. Tiago e governador da de Aviz.

D. Jorge, que tomou o apelido de Lencastre, casou com D. Beatriz de Vilhena, filha de D. Alvaro Portugal e neta de D. Fernando 2.º duque de Bragança.

1.º duque

Dêste consórcio nasceu D. João de Lencastre, que, por D. João III, foi agraciado com o título de duque de Aveiro.

2.º duque

D. Jorge de Lencastre, que morreu, na batalha de Alcácer-Kibir, a 4 de Agosto de 1578.

3.º duque

D. Alvaro de Lencastre, filho do 1.º duque.

4.º duque

D. Raimundo de Lencastre, neto do precedente, e filho de D. Jorge de Lencastre, que foi o 1.º duque de Torres Novas.

Depois da revolução restauradora da independência de Portugal, D. Raimundo seguiu a feição de D. Filipe IV, de Castela, pelo que, em 1663, foi condenado a ser degolado, em estátua, o que se efectuou em Lisboa, no dia 14 de Outubro do mesmo ano.

5.º duque

D. Pedro de Lencastre, que foi bispo da Guarda, arcebispo de Braga, inquisidor mór, presidente da mesa do Desembargo e conselheiro de Estado.

6.º duque (com quebra de varonia)

D. Maria Guadalupe de Lencastre. Herdou a casa de Aveiro por sentença de 20 de Outubro de 1679.

Era sobrinha do precedente.

7.º duque

D. Gabriel de Lencastre. Tomou posse da casa de Aveiro em 22 de Março de 1729. D. João V confirmou-lhe o título de duque de Aveiro em 2 de Junho de 1732.

8.º duque

D. José Mascarenhas Lencastre, que nasceu em 2 de Outubro de 1708. Este fidalgo, além do ducado de Aveiro, era, também, marquez de Gouveia e de Torres Novas; senhor de Penela, Abiul, Recardães, Louzã, Brunhido, Segadães e Casal de Aveiro e Pereira; Cezimbra, Samora Correia, Torreira, Aljustrel, São Tiago de Cácem, Arrábida, Barreiro, Torrão e Sines; e alcaide-mór de Coimbra e Setúbal.

Depois do monarca, o duque de Aveiro, era o fidalgo mais opulento do país.

D. José Mascarenhas, porém, tendo sido indicado como promotor do atentado contra D. José I, que ocorreu na noite do dia 3 de Setembro de 1758, foi preso, sentenciado e morto num cadafalso, erguido na praça de Belém, depois de ter sofrido, conforme o exarado na respectiva sentença, os seguintes suplícios: «*...depois de ser rompido vivo, quebrando-se-lhe as 8 canas das pernas e braços, seja exposto em uma roda para satisfação dos presentes e futuros vassalos dêste reino; e, aqui, depois de feita a execução, seja queimado o mesmo réu com o cadafalso em que foi justiçado, até que tudo, pelo fogo, seja reduzido a cinzas e pó, que serão lançadas ao mar, para que dêle e sua memória não haja mais notícia*». (4)

Esta execução, que foi realizada no dia 13 de Janeiro de 1759, deu fim ao último duque de Aveiro, cujo brazão heráldico era constituido pelo escudo de cinco quinas reais, com quebra de bastardia, tendo como timbre um pelicano.

D. Martinho, filho menor de D. José de Mascarenhas, permaneceu prêso, nas prisões da Junqueira, durante 19 anos, só sendo solto quando faleceu D. José I. Faleceu em 29 de Dezembro de 1805, sem descendência, tendo-lhe valido o conde de O'bidos, sem cuja generosidade teria, por certo, de mendigar.

JOSÉ DINIZ

(1)—Escritura que pertenceu ao extinto mosteiro de Pedroso, Gaia.

(2)—Livro de Forais novos da Extremadura. Fls. 220.

(A minuta do foral existe na gaveta n.º 20, maço 12, n.º 12, da Torre do Tombo).

(3)—Este convento foi iniciado por D. Beatriz Leitão, em 24 de Novembro de 1458. D. Afonso V, em 15 de Janeiro de 1462, lançou a primeira pedra da actual igreja dêste mosteiro.

A princesa D. Joana foi beatificada, pelo pontífice Inocêncio XI, em 4 de Abril de 1493.

(4)—A última duqueza de Aveiro, após a prisão de seu marido, foi mandada recolher num convento do Beato, de Lisboa. Foi sugeita aos serviços mais ínfimos desta casa monacal. Faleceu em 1761.

A' MARGEM DA GUERRA

O BOMBARDEIRO BRITANICO AVRO LENCASTER

Caneta

Perdeu-se, gratificando-se a quem a entregar na Fábrica de Serração de Viúva Jaime Rodrigues.

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: hoje, o sr. dr. José Vieira Gamelas, hábil clínico, e a menina Carmen de Melo Azevedo, filha do nosso dedicado assinante sr. Manuel Seabra de Azevedo; àmanhã, a negociante Rosa Augusta de Castro; no dia 21, os srs. Jeremias Vicente Ferreira, Aurélio Martins Campos e Viriato Patrício do Bem; em 22, as meninas Alice Fernanda Pinto, filha do sr. Alberto Vaz Pinto, 1.º sargento de Cavalaria 5, e Dolores da Silva Soares, irmã do sr. Armando S. da Silva Afonso, escriturário da Direcção de Estradas da Guarda; a sr.ª D. Joana Virgínia da Rocha e Cunha A. de Lemos, esposa do sr. dr. Rafael Amorim de Lemos, juiz de Direito na India Portuguesa, e o estudante Artur Moreira de Almeida, filho do sr. Armando de Almeida e Silva, da Granja, e em 23, o sr. Francisco dos Santos Silva, ausente no Rio de Janeiro (E. U. do Brasil).

Partidas e Chegadas

Com sua dedicada esposa a sr.ª D. Hermeliana Tavares Barreto e filho, já se encontra nesta cidade, o sr. tenente Evangelista de Oliveira Barreto, que durante alguns anos prestou serviço na A'frica Ocidental, de onde regressou.

O brioso oficial tem sido muito cumprimentado, assim como sua esposa, que é filha do ilustre reitor do Liceu, sr. dr. José Tavares.

Juntamos também as nossas muito afectuosas boas-vindas.

— Já se encontra em Aveiro a passar as férias judiciais o nosso ilustre conterrâneo sr. dr. Carlos Vilas-Boas do Vale, juiz de Direito na comarca de Caminha.

— Estão igualmente entre nós os srs. Luiz Peixinho, residente na capital, e major João Pereira Tavares, da G. N. Republicana, de Coimbra.

— Estiveram nesta cidade os srs. Joaquim da Pauta Graça, empregado no Banco Pinto & Sotto Mayor, do Porto; Gil da Maia, também ali residente; Armando e Henrique da Silva Afonso, de Coimbra; Armando Vidal, estudante de Direito em Lisboa e filho do nosso malogrado amigo dr. Lúcio Vidal e José da Costa Carola e esposa, também residentes na capital.

Praias e termas

Está na Costa Nova a passar algumas semanas o sr. Joaquim Gomes de Moura, nosso assinante de Sabrosa (Douro); na Barra, o estudante Manuel Sobreiro, e nas Termas de S. Pedro do Sul, o sr. Morais Calado, da Drogaria de Aveiro, L.ª e sua interessante filha.

—Regressou de Espinho, com sua esposa, o sr. dr. Alvaro Sampaio, ilustre presidente da Câmara Municipal.

Doentes

Posto que não saia à rua, têm-se acentuado as melhoras do abalisado clínico dr. Eugénio Conceiro, nosso velho amigo.

Estimamos.

Correspondências

Costa do Valado, 17

Um acontecimento inesperado fez com que êste pacato e pequenino burgo sentisse os seus efeitos na tarde de domingo, acompanhando a sr.ª D. Ercília Calisto Alvarenga no profundo abalo sofrido com a morte do filho Pompeu, quando se banhava no rio Vouga, um pouco adiante da Ponte da Rata, para onde se havia dirigido de bicicleta, com vários amigos, depois do almoço. A notícia correu célere e a verdade é que toda a gente lamentou o trágico fim do desventurado rapaz, cuja idade não ia além dos 17 anos — uma creança! — que exercia a sua actividade num dos armazens de adubos de Quintans e era muito estimado devido às suas bôas qualidades e maneira como se conduzia no trabalho sob a sua responsabilidade.

Pela nossa parte aqui deixamos também expresso o nosso pezar, pelo triste desenlace, à mãe do infeliz Pompeu e restante família, nomeadamente o tio, Pompeu Alvarenga, funcionário da Junta Autónoma da Ria e Barra de Aveiro, que com sua esposa, assistiu ao funeral e enterramento do cadáver no cemitério de Travassô.

— Por ter sido promovido a chefe de 3.ª classe e transferido para a estação da Guia, seguiu com a família para aquela localidade, o nosso amigo sr. Crisogno Costa, distinto empregado da C. P., que durante a sua permanência de oito anos na estação de Quintans, conquistou a estima de todos que com êle privaram, devido aos bons predicados que possuia.

— Já aqui se encontra a passar as férias em companhia de sua avó, o estudante António Marinheiro Júnior, residente em Lisboa.

— A passar algum tempo está nesta localidade a sr.ª dr.ª D. Natália Malaquias, digna professora do Liceu José Estêvão, dessa cidade.

C.

NECROLOGIA

No Hospital Militar de Coimbra finou-se a semana passada o sr. tenente Manuel Figueiredo de Almeida, agora pertencente ao Quadro de Reserva.

Prestou serviço no regimento de Infantaria 10, aqui aquartelado, deixando viúva e dois filhos, um dos quais o alferes Celestino Figueiredo de Almeida, de Artilharia 2.

Aos doridos, as nossas condolências.

Dr. Cunha Vaz

Encontram-se suspensas, durante as férias, as consultas que vinha dar todos os sábados, no Hospital da Misericórdia, o especialista em doenças dos olhos, sr. dr. Cunha Vaz.

Qualquer cliente que o deseje consultar, durante o corrente mês, poderá fazê-lo no seu consultório em Coimbra, Rua Visconde da Luz, 8-2.º, às segundas e sextas-feiras.

Declaração

Luis Maria de Lemos, calafate, declara que se não responsabilisa por dívidas que contraia sua mulher Delfina Maria.

Aveiro, 17 de Agosto de 1944

«O Democrata»

ASSINATURAS
(Pagamento adiantado)

Portugal (Ano)	30$00
Semestre	15$00
Colónias (Ano)	30$00
Estrangeiro (Ano)	40$00
Número avulso	$60

ANÚNCIOS
Mais duma publicação, contrato especial.

Visitai o Parque da Cidade

EDITAL

Joaquim Alberto da Silveira Malheiro, Engenheiro de segunda classe, pelo Engenheiro Chefe da Segunda Circunscrição Industrial—Coimbra.

Faz saber que António dos Santos Bôdas pretende licença para instalar uma oficina de ferreiro, incluída na 2.ª classe, com os inconvenientes de barulho, trepidação e fumos, situada na Rua da Fonte, freguesia de Eirol, concelho e distrito de Aveiro, confrontando ao Norte e Poente com o caminho público, Sul com José Rebelo e ao Nascente com o requerente.

Nos termos do Regulamento das Indústrias Insalubres, Incómodas, Perigosas ou Tóxicas e dentro do prazo de 30 dias a contar da data da publicação e afixação dêste edital, podem tôdas as pessoas interessadas apresentar reclamações, por escrito, contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo n.º 8.219, nesta Circunscrição Industrial, com séde em Coimbra, Avenida Sá da Bandeira n.º 111.

Coimbra e Secretaria da 2.ª Circunscrição Industrial, em 10 de Agôsto de 1944.

Pelo Engenheiro Chefe
da Circunscrição
Joaquim Alberto Miranda da Silveira Malheiro

Comarca de Aveiro

—o—

Arrematação

2.ª publicação

No dia 21 do próximo mês de Outubro, pelas 13,5 horas, no Tribunal Judicial desta comarca e nos autos de acção de arbitramento para divisão de coisa comum em que são: requerente João Simões de Oliveira e mulher Maria dos Santos, proprietários, de Taboaço, e requeridos Maria Rosa Simões dos Reis, viúva, proprietária, de Taboaço, Maria de Jesus Crespo e marido, Lucinda de Jesus e marido, Emília de Oliveira e marido, e outros. se ha-de proceder à arrematação em hasta pública, a fim-de serem entregues a quem maior lanço oferecer acima dos respectivos valôres porque vão à praça, dos seguintes prédios:

Uma morada de casas com quintal, sita em Taboaço, inscrita na matriz urbana da freguesia de Sousa sob o artigo 131, e vai à praça no valor de 8.640$00;

Uma praia de arroz e pinhal sita nas Bregeiras da Bica, limite de Taboaço, inscrita na matriz rustica da mesma freguesia sob os artigos 3.847 e 3.850 e vai à praça pelo valor de 22.895$20.

Aveiro, 22 de Julho de 1944

Verifiquei:

O Juiz de Direito do 1.º Tribunal
António Gurgo

O Chefe da 1.ª Secção
Julio Homem de Carvalho Cristo